

O índio do Amazo nas também pede passagem para a Constituinte

Caetano

Cláudio Barboza*

De donos da terra passaram a ser considerados invasores e de senhores dos destinos se transformaram em vítimas da vontade de brancos. Essas poucas palavras refletem a saga da existência de nações indígenas, vez ou outra, para atrações de turistas em algum palco improvisado construído para um momento. Nos últimos anos, no entanto, algumas lideranças iniciaram um trabalho de luta em defesa da dignidade indígena e entre as lideranças mais expressivas, encontra-se Alvaro Fernandes Sampaio ou simplesmente Alvaro Tukano ou ainda o Doe-thiro, que na língua tukana significa primogênito, pensador. Pois bem, esse índio pode ser, e na opinião do PT, que lançou a sua candidatura será com certeza o primeiro índio deputado federal pelo Amazonas.

Acostumado a dar entrevistas — ele é um dos coordenadores da UNI (União das Nações Indígenas) — Alvaro Tukano dispara logo de saída que se filiou ao PT por considerá-lo “o único partido realmente engajado na causa indígena”. Sem esperar pela segunda pergunta, ele aciona uma metralhadora giratória a enumerar as principais questões que se propõe a defender no parlamento:

— A manutenção da cultura

nal da penetração de empresas mineradoras em terra indígena e a vigilância constante contra os grandes projetos de desenvolvimento que só prejudicam os índios, são alguns dos temas que consideramos prioritários”, argumenta Alvaro para, logo em seguida, mostrar que já começa a caminhar muito bem na trilha de candidato.

— É claro — justifica — que apoiamos e continuaremos ao lado das lutas do trabalhador urbano e de questões como a Reforma Agrária.

PRECONCEITO

Há quem acredite que seria muito mais fácil um amazense votar em um loiro de olhos puxados, cabelos lisos e pele morena. “O amazense vítima do colonialismo, criou um preconceito consigo mesmo”, analisam estudiosos do assunto. Dentro desse quadro, portanto, as chances de eleições para Alvaro Tukano seriam reduzidas, quase nulas. Mas o candidato ao governo estadual pelo PT, médico Marcus Barros e o professor de Geografia da Universidade do Amazonas e, também, candidato a deputado federal, Falcão, mostram números que já levam Alvaro a enxergar uma bancada indígena no Planalto.

Lembram, por exemplo, que no Alto rio Negro vivem aproximadamente 35 mil índios, no Baixo Amazonas mais 30 mil e



Alvaro Tukano (segundo, da esquerda para a direita): um índio amazense quer ir à Constituinte

no Alto Solimões 20 mil, sem contar os 20 a 25 mil indígenas que o próprio Alvaro Tukano cita que moram em Manaus. A soma menos otimista revela que no Amazonas existem por volta de 95 mil índios, número mais do que suficiente — a estimativa é que um federal vai precisar de 60 mil para ser eleito — a fim de transformar Alvaro no primeiro deputado índio do Amazonas.

Para Marcus Barros, “numericamente, os números comprovam que Alvaro vai se eleger tranquilamente só com os votos indígenas, embora se acredite que ele também terá votos entre os eleitores brancos”.

O professor Falcão por sua vez, analisa a questão lembrando inicialmente a existên-

cia de preconceito: “Mas desde o início da década de 80 — história o professor — começou um trabalho que, pelo menos na área rural, vem eliminando os preconceitos entre trabalhadores rurais, posseiros e índios, o que nos leva a crer em uma existência de votos nessa área”.

Aos 33 anos de idade, casado e pai de uma filha com quatro anos, Alvaro Tukano não se mostra constrangido ao fazer uma análise sobre as candidaturas a governo estadual. Preciso e fluente, ele passeia em palavras claras de quem tem opinião formada.

O candidato oficial — avalia Alvaro — não diz às nações indígenas o sentido, o valor das eleições. Não passa uma identidade dos nossos problemas, da nossa vivência, de nossas necessidades e perspectivas. Já o Arthur Neto, de quem sou amigo pessoal, embora fale bem para a comunidade, não chega a detalhar o encaminhamento de nossas principais questões”.

Antes de falar sobre o candidato do PT, Alvaro faz uma pausa, toma um pouco de Coca-Cola — nem a sede do partido é isenta ao poder da multi recebida a sorrisos abertos de Marcus Barros em meio a um intenso calor de uma tarde tipicamente local — e destaca a importância da sucessão estadual para os índios.

— Os governos estaduais têm sido um ponto chave do nosso sofrimento. Durante as campanhas prometem, mas após as eleições se escondem e transformam-se em inimigos. Nós não merecemos passar os próximos quatro anos pagando esse preço”, define Alvaro para avaliar em seguida a candidatura Marcus Barros.

O PT é o único partido que, realmente, se aproxima da causa indígena e isso, não é coisa de hoje, não é papo de eleição, vem desde a fundação do partido. A candidatura de Marcus Barros é a que de fato e de direito, representa a maior consequência, comprometimento, que vem discutindo com... trabalhadores e com as nações indígenas a nossa realidade. Por tudo isso, acreditamos que ela é a única que realmente representa aos anseios mais democráticos”, completa o líder tukano, ao ressaltar que nas eleições de novembro “o interior vai mostrar seu peso, revelando algumas surpresas. O político tradicional vai ter surpresas”, garante.

NOVO JURUNA?

A candidatura de Alvaro Tukano começa a ser vista e alguns setores como uma cópia a de Mário Juruna em 82, pelo Rio de Janeiro. Esta perspectiva, no entanto, não é compartilhada pela cúpula do PT que o professor Falcão se encarrega de explicar:

— Em primeiro lugar, é preciso situar a candidatura de Mário Juruna pelo Rio, um Estado cuja relação atual com os indígenas se verifica apenas à base de um testemunho, pois não existe há vários anos nações indígenas por lá, enquanto no Amazonas a situação é totalmente inversa, assumindo a candidatura de Alvaro uma outra conotação”.

— Um dos raros momentos que Alvaro Tukano lembra bem um índio falando é quando comenta a importância ou desgaste para alguns, do cacique Mário Juruna junto à Causa Indígena: Nas construções das — Dentro do movimento,

Juruna levou queda, mas continua lutando. Seus discursos não são publicados pela imprensa e a população não fica sabendo que ele realmente se espenha e defende os interesses dos índios”.

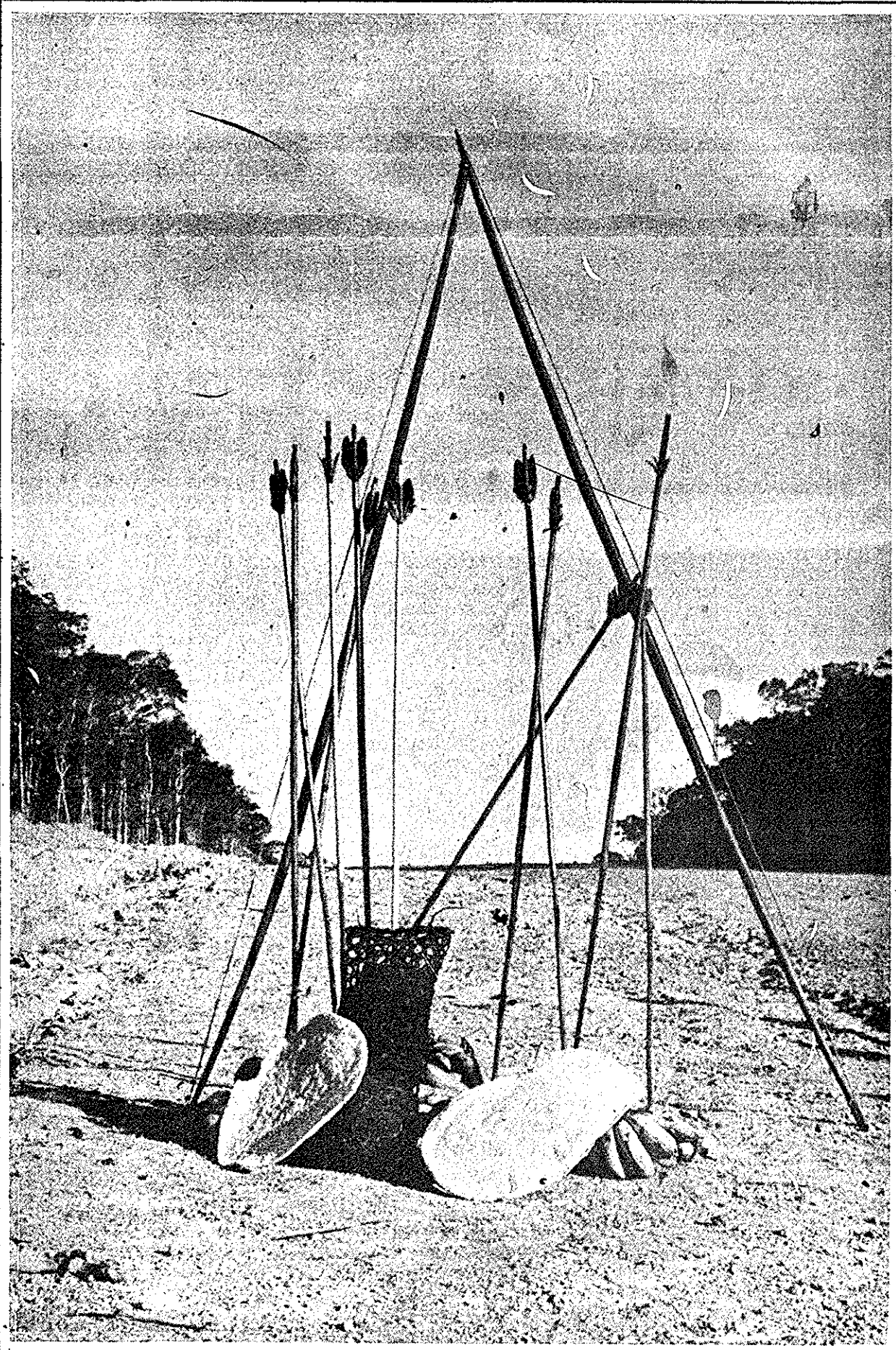
Ágil nas respostas, o líder indígena pisa fundo no acelerado, ao avaliar a participação da igreja em relação à Causa Indígena.

Sem tirar o pé do acelerado e falando solto. Alvaro é cirúrgico ao considerar que o Movimento Indígena nos dias atuais “caminha com o pé próprio” e otimista como um povo que precisa acreditar para a sua própria sobrevivência, ele vislumbra em um futuro não muito distante, a formação de uma bancada parlamentar constituída de indígenas.

— A igreja — diz ele — realmente teve seus erros mas há alguns anos, pessoas conscientes entenderam que a religião não ajuda só ensinando a ler e a escrever. É preciso ter em mente problemas relacionados com a terra, o direito de autodeterminação dos povos indígenas e, agora mais recentemente, a Constituinte”.

Tão ou mais otimista do que Alvaro, são alguns dos militares do PT. Eles consideram que além do próprio Alvaro para federal, vão eleger ainda Paulo Mendes, índio da nação Tukana, para estadual. Confiante nas respectivas já contam aquela música de Caetano Veloso: “Um índio descerá de uma estrela colorida brilhante, de uma estrela que virá numa velocidade estonteante... virá, impávido que nem Mohammad Ali, virá que eu vi, tranqüilo e infalível como Bruce Lee, virá que eu vi, apaixonadamente como Pery. Virá...”

* Cláudio Barboza integra o corpo de redatores de A CRÍTICA



Nos Estados Unidos, pelo direito à água

por Elisa Pinna, da Ansa

WASHINGTON — Nas montanhas e nas planícies do longo oeste, os índios estão lançando de novo seu grito de guerra. Esta vez, os Sioux, os Apaches, os Cheyenes e outras tribos já não usam os cavalos e os arcos e flechas. Preferem dirimir os seus pleitos através de advogados, ações legais e interpelações ao Congresso. Mas, o motivo da disputa com o homem branco é muito velho: trata-se do problema do domínio das águas nas regiões áridas, onde os poços naturais são como “um elixir mágico” que transformam a terra e tornam ricos os pobres e vice-versa, podendo

até haver ricos que se tornam mais poderosos. O que se acha hoje em jogo é a sobrevivência das reservas indígenas diante do avanço dos centros industriais. Com base nos acordos assinados pelo governo federal, no século passado, um milhão de índios que vivem no amplo espaço que vai de Washington à Califórnia têm, teoricamente, plena soberania sobre suas reservas e, também, sobre os poços de água. Mas, de fato, a população “não indígena” está se apossando pouco a pouco da água dos índios devido à expansão de cidades como Tuscon, Phoenix, Albuquerque, Salt Lake e a construção de usinas hidrelétricas como as de Seattle de Tacoma para manter uma

agricultura “branca” nos Estados de Washington, Arizona e Nevada. “Para nós” — explicou à ANSA, Roger Jim, chefe da tribo Yakima do Estado de Washington — “é uma questão de vida ou de morte. Graças à posse da água podemos nos manter independentes. Se homem branco continuar a apossar-se dos nossos rios será o fim da cultura Yakima”.

Os índios sentem-se sumamente aborrecidos com a administração Reagan que parece unicamente favorecer os brancos, não respeitando os acordos assinados. Segundo Jim “por causa da política atual do governo, a existência se torna cada vez mais difícil para nós”.